

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: a simbologia presente em Lygia Fagundes Telles*

PERCEPTION OF LANDSCAPE: the symbology presents in Lygia Fagundes Telles

Rafaella Gomes Monteiro **

Márcia Manir Miguel Feitosa ***

Resumo: O presente trabalho objetiva um estudo do conto "Natal na barca", de Lygia Fagundes Telles, sob o aspecto simbólico da paisagem e da sua interferência na vida das personagens. De acordo com a perspectiva teórica do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, em seus livros *Topofilia: um estudo da percepção*, atitudes e valores do meio ambiente, publicado em 1980, e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, publicado em 1983, nos quais evidencia a ligação dos laços afetivos do homem com o meio material, observa-se que o lugar experienciado pelas personagens adquire significado particular, pois as emoções individualizam as experiências humanas.

Palavras-chave: Experiência. Percepção. Paisagem.

Abstract: This paper aims to study the tale "Natal na Barca", by Lygia Fagundes Telles, under the symbolic aspect of landscape and its interference in the character's life. According to the theoretical perspective by the Chinese geographer Yi-Fu Tuan, in his books *Topophilia: a study of environmental perception*, attitudes, and values, published in 1980, and *Space and Place: The Perspective of Experience*, published in 1983, which highlights is the relation of man with the material mean, notes that the place experienced by characters acquire particular significance, because the emotions individualize the human experiences.

Keywords: Experience. Perception. Landscape.

1 INTRODUÇÃO

Lygia Fagundes Telles sempre teve o alto mérito de obter, no romance e no conto, a limpidez adequada a uma visão que penetra e revela, sem recurso a qualquer truque ou traço carregado, na linguagem ou na caracterização. (Antonio Dimas)

Lygia Fagundes Telles vive a realidade de uma escritora do terceiro mundo e narra em seu livro *Antes do Baile Verde* as mais contrastantes experiências humanas, sejam elas dramas ou comédias, encontros ou desencontros. Ela adota um discurso envolvente e espontâneo e, assim, consegue chegar ao íntimo de seus personagens e aproximá-los do leitor.

"Natal na Barca", narrativa integrante da obra citada, não se desvia desse contexto. A partir de vários elementos suscitados ao longo do conto, observa-se a oposição vida X morte segundo a

experiência e percepção das personagens.

À luz da Teoria da Percepção da Paisagem, perspectiva do renomado geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, foi possível verificar a intrínseca relação entre a criação literária e a paisagem, visto que o estudo da paisagem implica a análise da sua representação. No conto em análise, ressaltou-se a importância simbólica de alguns elementos como a *barca* e o *rio* para a (re)construção das personagens.

2 A BARCA: símbolo da esperança

"Natal na Barca", como o próprio título enuncia, narra a história que aconteceu em uma travessia na noite de Natal. Havia quatro passageiros: uma mulher que levava seu filho no colo, um velho bêbado e a narradora. O cenário em que se encontravam era lúgubre e silencioso, mas, após algum tempo, as duas mulheres iniciaram uma tímida conversa. A

* Trabalho premiado durante o XXI Encontro do SEMIC realizado na UFMA entre os dias 17 e 19 de dezembro de 2009.

** Discente do curso de Letras da UFMA, bolsista PIBIC/UFMA. E-mail: rgmonteiro18@hotmail.com.

*** Professora Doutora do Departamento de Letras da UFMA. E-mail: marciamanir@terra.com.br.

mulher que carregava o bebê contou-lhe que havia perdido outro filho, fora abandonada pelo marido e estava fazendo a travessia porque precisava levar o filho ao médico. A fé e a esperança dessa mulher foram percebidas durante o diálogo e a narradora, ao contrário, mostrou-se uma pessoa descrente. Antes que a viagem acabasse, ao ajeitar o xale que encobria a criança, a narradora constatou que ela estava morta e não disse nada. No fim da travessia, seu maior desejo era sair da barca o mais rápido possível. Mas, para sua surpresa, o menino acordou como se estivesse apenas despertando de um longo sono.

O conto tem como narradora uma passageira da barca que descreve e apresenta o lugar de acordo com sua percepção.

Segundo Yi-Fu Tuan (1978, p. 14):

Place is pause in movement. That is one relation between time and place. The city is time made visible. That is another. Consider each in turn briefly. Movement takes time and occurs in space; it postulates a space-time field. Place and movement, however, are antithetical. Place is break or pause in movement – the pause that allows a location to become a centre of meaning with space organized around it.

Assim, temos o elemento *rio* como o espaço e *barca* como o lugar, descrito assim pela narradora:

Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. (TELLES, 2009, p. 115).

A partir dessa descrição, observa-se que o cenário apresentado confundia-se com o estado de espírito da própria narradora, já que é ela quem narra a experiência vivida naquela viagem de acordo com sua percepção. Em que

percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. (TUAN, 1980, p. 04).

Este é um conto marcado por oposições. Inicialmente, a narradora descreve a barca como um barco de mortos, mas, em contrapartida, lembra que se encontravam na noite de Natal, o que nos remete à ideia de (re)nascimento e esperança: "Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal." (TELLES, 2009).

As conjunções adversativas têm papel fundamental em todo o conto, pois oferecem ênfase maior às oposições e proporcionam ao leitor um

melhor entendimento desses contrastes.

Outros elementos postos em oposição são dia X noite, gelado X quente e escuro X verde, renascimento X solidão. Durante o diálogo com a mulher, a narradora constatou que, naquela noite, as águas do rio eram escuras e geladas. No entanto, ela lembra que, pela manhã, as águas do rio são diferentes:

- Tão gelada – estranhei, enxugando a mão.
- Mas de manhã é quente. [...]
- De manhã esse rio é quente – insistiu ela, me encarando.
- Quente?
- Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. (TELLES, 2009, p. 116).

Simbolicamente falando, segundo o *Dicionário de Símbolos*, "o verde [...] é uma cor tranquilizadora, refrescante, humana. [...] O verde é o despertar das águas primordiais, o verde é o despertar da vida." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008) e

o simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas, o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 780).

Assim, à noite, a narradora encontrava-se solitária e na escuridão e, durante o dia, ela poderia encontrar a esperança de um renascimento através de sua experiência direta com o rio – por meio do contato com esse espaço durante à noite – e conceitual – por meio da experiência contada pela outra personagem.

Vale ressaltar a predileção da cor verde pela autora. O conto "Natal na barca" faz parte do livro intitulado *Antes do Baile Verde e*, além dele, outros contos utilizam as simbologias dessa cor, entre eles temos "Verde Lagarto Amarelo" e o conto que originou o nome da obra.

Lembrança X não-lembrança foram notadas no conto como oposição importante para a constituição da narradora-personagem. A narradora profere no início da narrativa:

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão" (TELLES, 2009, p. 115).

Depois, reafirma "Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade." (TELLES, 2009). Por que a narradora não gostaria de lembrar-se daquela noite, se a descreve com tanta riqueza de detalhes? Por que afirmar que desejava ficar só, se a mulher que conversava com ela, contando suas

experiências vividas, foi quem a fez dar início a uma grande mudança?

Não desejar ter essa lembrança foi uma tentativa que a narradora encontrou para negar o que ocorreu naquela noite e as transformações que seu âmago sofreu. Mas não conseguiu, pois “os laços – os tais laços humanos – já ameaçavam me envolver. Consequira evitá-los até aquele instante. E agora não tinha mais forças para rompê-los.” (TELLES, 2009).

A narradora não poupou elogios a essa mulher, mostrando uma certa admiração por aquela que até pode-se fazer alusão à figura de Maria, mãe de Jesus:

Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade. [...] Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era sereno. [...] O queixo agudo era altivo mas o olhar tinha a expressão doce. (TELLES, 2009, p. 116-117).

A postura dessa mulher opunha-se à da narradora que apresentava um discurso mais objetivo e direto, e aquela, um discurso mais subjetivo. Durante o diálogo, a mulher comentou várias desventuras que aconteceram em sua vida – a enfermidade do filho pequeno, a morte do primogênito, o abandono do marido – e a narradora se surpreendia com a naturalidade com que contava esses tristes episódios:

Fixei-me nas nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido e ainda via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. (TELLES, 2009, p. 118).

Posteriormente, a narradora descobriu que toda essa calma resumia-se na fé e confiança que a tal mulher tinha em Deus. Ela acreditava que tudo o que acontecia em sua vida – coisas boas ou ruins – fazia parte de seu destino por causa da sua crença em Deus:

E ali estava sem a menor revolta, confiante. Intocável. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma obscura irritação me fez sorrir.
– A senhora é conformada.
– Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou. (TELLES, 2009, p. 118).

A resignação dessa personagem nos remete a outra mulher atuante no conto “Suave Milagre”, de Eça de Queiroz, cujo filho, muito

doente, desejava ver Jesus. E Jesus aparece em sua casa, pois, ao contrário do que se pensava, Ele apareceria para as pessoas que tinham fé, independente da riqueza que possuíam. A “tal fé que remove montanhas” é citada pela narradora de “Natal na Barca” e também está presente do início ao fim no conto de Eça.

Em um momento do diálogo com a narradora, a mulher afirma que trabalha em uma escolinha e é professora. Essa passagem nos faz entender a tentativa dessa mulher em mostrar a importância de sua fé por meio de suas experiências.

A experiência tem uma conotação de passividade; a palavra sugere o que uma pessoa tem suportado ou sofrido. [...] Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. [...] Experimentar é vencer perigos. (TUAN, 1983, p. 10).

É através de suas experiências que a mulher exerce a função de educadora, tentando ensinar a narradora a ter fé.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da leitura de “Natal na Barca”, conto inserido no livro *Antes do Baile Verde*, da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles, foi possível estabelecer a aproximação entre o espaço geográfico e a representação literária, tendo como ponto de partida a representação simbólica e o imaginário ficcional.

Todas as oposições suscitadas na leitura realizada convergem em uma só: vida X morte. A narradora encontra-se, a princípio, solitária e sentindo-se confortável nessa situação: “Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão.” (TELLES, 2009). Ao iniciar o diálogo com a outra passageira da barca, que carregava no colo o filho, apresenta certa inquietação diante dos infortúnios relatados pela mulher, além de não conseguir compreender sua postura calma e resignada. Por isso, tem a sensação que as águas do rio a sufocam: “Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhado até o pescoço naquela água.” (TELLES, 2009). Esse sentimento é reafirmado quando a narradora constata que aquele bebê estava morto:

[...] levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei o olhar para o chão. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. (TELLES, 2009, p. 119).

O seu desejo maior era fugir daquele lugar para não presenciar tal fato. Por ser tão

descrente, acha que a mulher não suportaria mais uma desgraça, mesmo depois de comprovar sua fervorosa fé: "Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, era terrível demais, não queria ver." (TELLES, 2009).

Para sua enorme surpresa, ao desembarcar, o menino acordou e a mulher se despediu dizendo: "– Então, bom Natal!"

Esse surpreendente fato representou o início de uma nova fase na vida da narradora, pois o natal nos remonta à ideia de renascimento, portanto a mulher fez votos de um bom renascimento àquela personagem tão descrente e sem esperança.

O que percebemos é o começo da transformação da narradora quando ela é a última passageira a sair da barca e consegue imaginar o rio verde e quente por meio da experiência da mulher:

Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente. (TELLES, 2009, p. 119).

Dessa forma, o retorno por duas vezes ao rio suscita a ideia de que a narradora não só

queria reafirmar a mudança, mas se convencer de que, a partir daquele momento, passava a "ver o rio com outros olhos".

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TUAN, Yi-Fu. Space, Time, Place: A human-istic frame. In: CARLSTERIN, Tommy; DON, Parkes; THRIFT, Nigel. *Timing space and spacing time. making sense of time*. London: Edward Arnold Ltd, 1978. v. 1

_____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.